

«Amarás o próximo como a ti mesmo»

Isabel Ponce de Leão

You will love the next as you love yourself.
(David Sassoli)

Quando o escritor anglo-americano Wystan Hugh Auden (1907-1973) questionou a liberdade pela arte, contraditando o poeta inglês Percy Bysshe Shelley (1792-1822), não o fez para romper com ideias românticas, outrossim para chamar a atenção para questões de livre arbítrio e incontroversos limites do seu exercício através de opções livres e definidas, perseguindo a perspectiva shakespeariana da arte enquanto espelho do ser humano e da própria natureza. Por isso, aludiu a três tipos de escolhas: de ação, de juízo de valor e de autoridade, enquanto limites do exercício da liberdade, fazendo notar a leviandade da arbitrariedade descontrolada. Questionando, implicitamente embora, tentativas de definições de arte postuladas por Clive Bell, Morris Weitz, George Dickie ou Nelson Goodman, preferiu olhar a arte como um jogo, cujas regras devem ser respeitadas; ao preservar o indissociável binómio criação / criador, perseguiu um dos *Dez Mandamentos ou Decálogo* escritos nas *Tábuas da Lei* entregues a Moisés no Monte Sinai, posteriormente, registados em *Êxodo* (20, 1-17 e 34, 28) e *Deuterónimo* (5, 6-22 e 4, 13; 10, 4) do *Antigo Testamento*: «amarás o próximo como a ti mesmo». Esse amor reveste-se, antes de mais, de um profundo respeito pelas multidões, pelas sociedades e pelas comunidades honrando sempre as idiossincrasias grupais.

Auden, pospondo, mas não descartando, o espírito prazeroso da arte, reclama a sua função de espelho onde a sociedade se reflete, assim a envolvendo no mundo real. Realidade e liberdade são, pois, epítetos que cabem à obra de arte que «dá prazer, o prazer da curiosidade despreocupada [...] [e] amplia o campo da liberdade» (Auden 2019) abrindo espíritos para novas e renovadas experiências e dilatando o dom criativo, sem nunca esquecer os direitos e os deveres que lhes são, intransigentemente, inerentes.

Isabel Ponce de Leão, Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal, blepl13@gmail.com, 0000-0002-0680-9164

Referee List (DOI 10.36253/fup_referee_list)

FUP Best Practice in Scholarly Publishing (DOI 10.36253/fup_best_practice)

Isabel Ponce de Leão, «Amarás o próximo como a ti mesmo», © Author(s), CC BY 4.0, DOI 10.36253/979-12-215-0010-3.28, in Michela Graziani, Annabela Rita (edited by), *Europa: um projecto em construção. Homenagem a David Sassoli*, pp. 267-276, 2023, published by Firenze University Press, ISBN 979-12-215-0010-3, DOI 10.36253/979-12-215-0010-3

Por isso a arte, tem, em termos estéticos e cognitivos, a capacidade de promover diálogos e influenciar a mundividência sensorial e intelectual do ser humano, ajudando-o a perceber e sentir, com sentido crítico, o mundo em que vive, e empossando-o de uma cidadania ativa e consciente, longe de dogmas e estereótipos, mas sempre ‘amando o outro como a si próprio’.

Será, pois, este o grande papel da arte na inabalável materialização do sonho europeu acalentado por David Maria Sassoli (1956-2022) que, na sua qualidade de profissional da comunicação, alertou para o facto de que, só através dela, se alcançaria a liberdade aglutinadora dos povos. Enquanto serviu no Parlamento Europeu (2019-2022), revelou as suas convicções europeístas sem nunca descurar a liberdade individual dos cidadãos. São dele as seguintes palavras proferidas no Conselho Europeu em dezembro de 2021: «Do que a Europa precisa – e precisa acima de tudo – é de um novo projeto de esperança. Penso que podemos construir esse projeto com base numa abordagem robusta, com três vertentes: uma Europa que inova; uma Europa que protege; e uma Europa que ilumina» (Sassoli 2021).

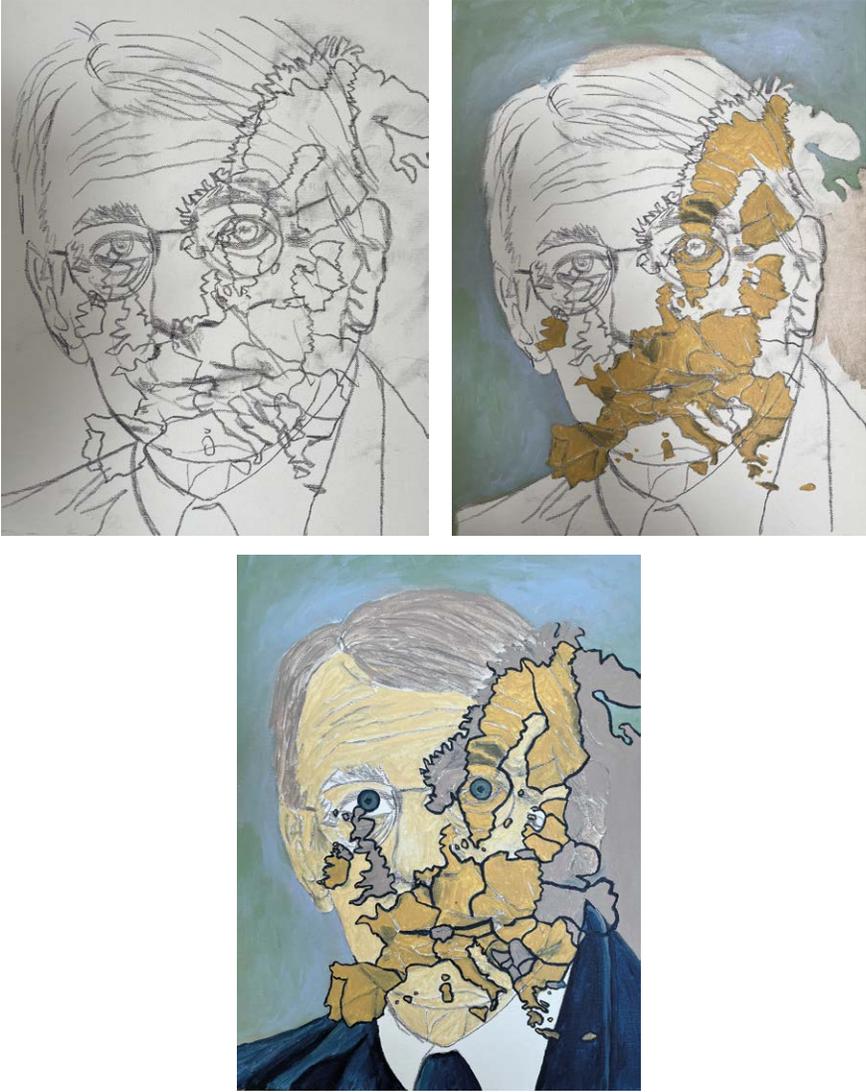
Ora, as três vertentes assim definidas presentificam-se em obras de arte agilizadoras da interligação economia, mente, ciência e cultura enquanto pré-requisitos da liberdade individual e da democracia europeia. Por elas e com elas se homenageia David Sassoli mestre de uma comunicação agregadora.

Convoco uma defensável linha baudelairiana, e digo da sensação de arrebatamento perante objetos estéticos de Afonso Pinhão Ferreira, Do Carmo Vieira, Fernando Hilário, Hélder Bandarra, Hélder Carvalho e José Rosinhas. As obras aqui presentes, usando palavras de Clive Bell, estão longe dos «escuros vales da mera imitação» (Bell 2009, 8), antes veiculam bons estados mentais, sempre em estreita cumplicidade com a vida e em demanda do conhecimento, na senda da liberdade inerente ao projeto em construção europeísta sustentado pela tríade acima anunciada: inovar, proteger e iluminar.

Afonso Pinhão Ferreira acredita na Europa enquanto processo em construção e, metonimicamente, dá conta da construção da sua obra. Interioriza e reflete sobre o seu projeto enformando-o nuns esboços orientadores que mais não são que os ensaios que dão forma ao imaginado. A seguir, o carvão delinea o esboço base na tela eleita e, sibilinamente, assoma o desenho definitivo. As opções cromáticas sugerem as três dimensões de forma viva e harmónica em consonância com o perfil do retratado. O silêncio é cortado. Linhas complementares corporizam e uniformizam a obra enquanto um todo (Figuras 1, 2, 3).

Perguntei ao artista – médico de profissão, de cuja prática a sua arte também vive – sobre o percurso do seu projeto em construção, agora já concluído. Assim me disse Afonso Pinhão Ferreira:

O homenageado, a União Europeia, a fusão do homem com o projeto representada nesta tatuagem facial. Enfim, a lágrima no olho direito que mais não é que o país egoísta que escureceu a cultura integracionista. Como a pintura ficaria mais harmoniosa e simétrica se a pele abaixo do olho direito fosse alaranjada! Disso não sabiam os ingleses quando votaram, caso contrário, o resultado poderia ser diferente! Não queríamos por decerto estragar a minha pintura. A Noruega



Figuras 1, 2, 3 – Afonso Pinhão Ferreira, Fases do processo de elaboração da figura 4.

situa-se na zona cerebral, constituindo-se sempre numa hipótese integracionista futura. Os países do Leste Europeu, estão ainda longe de habitarem a derme facial integradora do Jornalista e Presidente do Parlamento Europeu. O olhar calculista, emocionalmente incerto, onde se nota uma certa amargura chamada *brexite* e, ao mesmo tempo, uma certa aposta num futuro mais coeso. Um homem que mostra que importa a convicção nos projetos humanos. Um exemplo, daí a homenagem.

David Sassoli acreditou. E nós igualmente acreditamos (Figura 4).

Exímia retratista, Do Carmo Vieira afirma ter-se inspirado em depoimentos da imprensa para elaborar o retrato de Sassoli. Frases como: «Uma personalidade calorosa, autêntica, sorridente»; «um homem de rara bondade, cujo sorriso, visão e ideias eram suficientemente amplos para um continente»; «amizade e um comportamento exemplar» (Letta 2021) estiveram na génese criativa deste *Tributo a David Sassoli*. O género retratístico é, porventura, aquele que tem mais capacidade para traduzir valores sociais, individuais e culturais; ao dar a possibilidade de recuperar a história, concilia a dinâmica entre o artista, o mecenas e a obra de arte que determinam o seu significado criando o 'triângulo de envolvimento' a que alude Michael Baxandall. A expressão visual da autoperceção de alguém, dos seus valores e das suas ambições, ainda que clivada pela subjetividade do artista, dá a noção da sua notoriedade. O enigma está em interpretar os vários elementos que o compõem. Aqui e agora a amplitude do sorriso, o olhar brilhante e condescendente, a naturalidade do cabelo parecem dar a exata me-



Figura 4 – Afonso Pinhão Ferreira, *David Sassoli acreditou. E nós?*, 2022, acrílico sobre tela, 34,5x44,5 cm. © 2022, Afonso Pinhão Ferreira.

dida do homem que esteve ao leme da Europa. Para Do Carmo Vieira interessa mais o caráter que a fisionomia, mas esta é espelho daquele. A formalidade do traje insere o retratado no contexto político-social em que se movia. Ultrapassando o retrato físico – belo por certo – interessa aqui o retrato moral, misto de esperança e otimismo, de brandura e determinação, de lealdade e bondade, expressão ética e estética da liberdade pela arte, enquanto fator de comunicação, de um dos grandes gestores do sonho europeu. Pela mão de Do Carmo Vieira estamos mais próximos de David Sassoli (Figura 5).

Convoco Leibniz para dizer da força, da energia, do vigor de *MENS AGITAT MOLEM* de Fernando Hilário, não num sentido eminentemente material, outrossim naquele em que forças centrípetas convocam a unidade de uma ação pela representação. Através dela vejo o esforço da demanda de uma consciência que ensaia o infinito e a perfeição, subtraindo-se da confusão e da obscuridade para, lentamente, em avanços e recuos, configurar o que o mesmo Leibniz denomina apercepção. É assim que o seu ponto de vista individual transmite as distintas e



Figura 5 – Do Carmo Vieira, *Tributo a David Sassoli*, 2022, acrílico sobre papel Canson 300 gr.; 65x50 cm. © 2022, Do Carmo Vieira.

permanentes mutações do mundo ou a consciência que delas vai tendo. Distribui os diversos planos pela tela, sem parcimónia, e precipita-se uma parafernália simbólica, uma liturgia cenográfica que instiga novas procuras valorizadoras de imagens metafórico-simbólicas. A ponte entre o confidencialismo lírico e a emanção de novas figurações insinua a Europa, esse projeto em construção, para que propõe um olhar incerto e plural, tentando reorganizar Babel através de estruturas labirínticas. Valorizando a inteligência sobre a matéria, o artista convoca um verso de Virgílio exortando ao estoicismo. A luminosidade oscila entre as tonalidades delicadas e feéricas e outras arrojadas e vulcânicas, premonitórias de deambulações lírico-dramáticas. Os pontos, elementos originais da pintura, e as linhas, oriundas dos seus movimentos, entram nos planos em busca da sua forma esquemática e original, jogando-se em vibrações por forma a «encontrar a vida, tornar sensível a sua pulsação e verificar a ordem de tudo o que vive», evidenciando «que é um trabalho de síntese que conduz às revelações exteriores» (Kandinsky 2006, 27). Síntese demandada por Sassoli na construção da sua Europa (Figura 6).

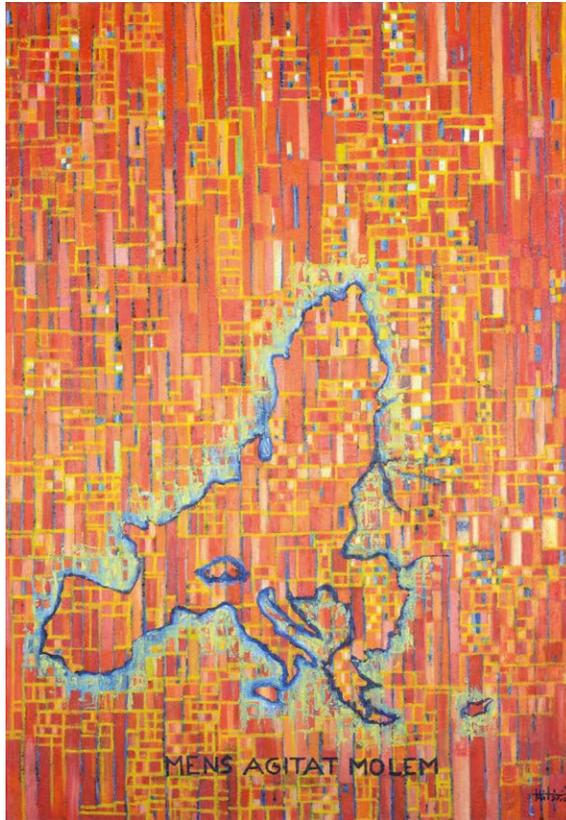


Figura 6 – Fernando Hilário, *MENS AGITAT MOLEM*, 2022, óleo s/tela, 70x100 cm.
© 2022, Fernando Hilário.

Hélder Bandarra, em *A terra é um só país*, cruzando estéticas do modernismo e das vanguardas, assimila a grande revolução sofrida pelas artes visuais que, olhando o quotidiano, traduzem, sem tabus, a mais íntima percepção da realidade liberta de regras e convenções. O expressionismo à Munch, o fauvismo à Vlaminck, o cubismo à Picasso, o dadaísmo à Duchamp, o simultaneísmo e o interseccionismo à Delaunay e mesmo o surrealismo à Dalí fundem-se e confundem-se numa nova concepção de luz e cores e numa série de movimentos fragmentados em rutura com padrões anteriores. Anjos e demónios, mortos e vivos, heróis e déspotas, vítimas e agressores são convocados para um doloroso hino à liberdade. *A terra é um só país* é, antes de mais, estado de espírito e projecto de um percurso autónomo desencadeado por uma emoção que, instintiva e intuitivamente, preserva a ética e a estética; nela 4 vetores se cruzam: o desenho – expressão suprema da magnificência artística; a intersecção de estéticas – manifestação de ampla enciclopédia cultural; o conluio com o real – consciência da interação arte / vida; a fuga espiritual – elemento salvífico do ser humano. Aqui se desenha um ascético drama humano irreductível a valores sociais. É manifesta uma postura coerciva arreigada à teoria do tumulto e entroncada nas práticas psicológica, fisiológica e psicanalítica. Influenciado pelo mecanismo das vanguardas europeias que antecederam a II Guerra Mundial, Hélder Bandarra hesita entre a reivindicação do monstruoso e do grotesco, e questões do seu universo íntimo ou da história contemporânea de forma mais contida mas, nem por isso, menos perturbadora. Sem seguidismos obsessivos, o artista, esperançadamente, apela à união e à fraternidade num mundo fragilizado pela guerra. Como Sassoli, naturalmente (Figura 7).



Figura 7 – Hélder Bandarra, *A Terra é um só país*, 2022, acrílico sobre tela em grade de madeira; 6x2 m. © 2022, Hélder Bandarra.

Sassoli / Civilidade é título da magnífica tela de Hélder Carvalho onde a consciência do Outro é evidenciada pelo duplo retrato exibido, reflexo da indissociável antinomia sonho / realidade. Há como que um deslocar do eurocentrismo, que a bandeira tutela, para o conhecimento dos «Outros como meio de se conhecer, medir e confrontar consigo próprio» (Kapusinski 2009, 17). Este confronto não é isento de angústias e adversidades, também patentes na opção pela cor púrpura da gravata, mas surge assertivo e destemido. Sobretudo não nega

a crença no dever lutando contra a estagnação ciente de que «no nosso planeta, começam a ganhar importância e dinâmica várias civilizações extra-europeias que exigem cada vez mais o seu lugar à mesa do mundo» (Kapusinski 2009, 43). O artista compreendeu a luta de Sassoli pelo verdadeiro desafio do nosso tempo: «o encontro com o novo Outro, de raça e de cultura diferentes» (Kapusinski 2009, 94), gerido pelo verdadeiro encontro com cada um de nós. A harmonia e a serenidade dos traços retratísticos evocam os ensinamentos de Erasmo de Roterdão, em termos educativos e éticos, e sugerem os urgentes e necessários códigos morais por que se deve a comunidade reger; a isto também foram sensíveis Baldassare Castiglione, o nosso Rodrigues Lobo, Maquiavel e Robert Granjon pioneiros na fixação do termo civilidade, que Sassoli respeitou promovendo a aceitação e valoração da dignidade, da diversidade e da tolerância porque inovam, protegem e iluminam. Numa entrega total, o artista persegue o mandamento: *Amarás o próximo como a ti mesmo* (Figura 8).



Figura 8 – Helder Carvalho, *Sassoli / Civilidade*, 2022, técnica mista sob papel (carvão e pastel); 50x70cm. © 2022, Helder Carvalho.

Integrada no largo projeto *Landscape without you*, em *Árvore em construção* José Rosinhas usa a técnica *ArtGraft Tailo Shape* inspirada no lápis tradicional. Trata-se de um bloco de pigmento prensado que abrange uma vasta paleta de cores de diferentes tonalidades que, aqui, se espalham sobre papel. A pluralidade pós-moderna agilizou o revivalismo da pintura que passou a ser criada com novas e inovadoras formas. Cessaram as regras e os limites dos materiais utilizados – Chris Ofili empregou dejetos de elefante em algumas obras. José Rosinhas adere à *ArtGraft Tailo Shape* e sobrepõe o conceito à estética priorizando a ideia em detrimento do objeto; assim propõe a autonomia da obra de arte e rompe com formalismos numa clara adesão à teoria institucional da arte de George Dickie. Foucault, Barthes, Lyotard e / ou Braudillard gizaram um enquadramento que corrobora a pluralidade e a autopercepção isentas de qualquer sistema universal de valores. Contrariando o minimalismo artístico, a obra estimula a participação do público ao metaforizar a Europa nesta *Árvore em construção* em que os tons escuros e sanguíneos sugerem dores de crescimento, mas também coragem, força, persistência. Há algo de estoico nesta teimosia de crescimento que rasga os céus sem deixar a terra. Tal como na Europa, o projeto insinua-se inacabado mas de forte ligação a uma terra matricial, robusta e segura, cuja maturidade a torna capaz da gestão de afetos, de humanismo e de solidariedade, causas por que Sassoli pugnou (Figura 9).

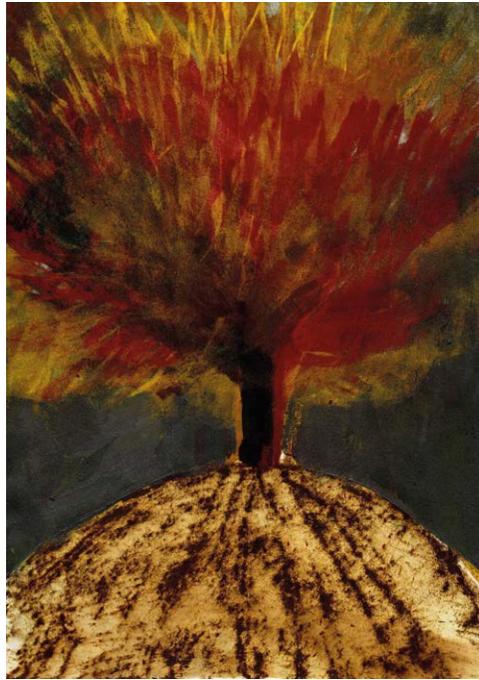


Figura 9 – José Rosinhas, *Árvore em construção*, 2022, ArtGraf Tailor Shape sobre papel; 29,7x21 cm. © 2022, José Rosinhas.

Dos seis artistas convidados para *Europa: um projecto em construção. Homenagem a David Sassoli*, em boa hora gizado e conduzido pela Università degli Studi di Firenze - UniFi, Itália, Afonso Pinhão Ferreira, Do Carmo Vieira e Hélder Carvalho deram largas à sua já consagrada veia retratística; as suas obras são o reflexo do mundo interior e do sonho europeu de Sassoli, sem que com isso traíam a sua expressão física. Fernando Hilário, Hélder Bandarra e José Rosinhas optaram pela metáfora visual e, de forma sinédica, explanaram não um, mas os vários sonhos europeus.

Shakespeare – através da personagem Macbeth – e Stephen Dedalus desvalorizaram e injuriaram a história considerando-a um pesadelo. Às vezes é preciso discordar dos consagrados; aqui e agora a arte surge enquanto mimese da história sem descartar a garantia de identidade.

Os artistas plásticos, acima mencionados, exemplarmente interpretam os ensinamentos de Sassoli e, preservando o mandamento *amarás o próximo como a ti mesmo*, apelam à liberdade e ao humanismo numa Europa Unida, inovadora, protetora e iluminada, capaz de obedecer ao 1º mandamento da tábua de Moisés: *amarás o próximo como a si mesmo*.

Referências bibliográficas

- Auden, W. H. 2019. “Reflexões sobre a liberdade e a arte.” *O Correio da UNESCO*. <https://pt.unesco.org/courier/2019-1/reflexoes-liberdade-e-arte> (08/22).
- Bell, C. 2009. *Arte*. Lisboa: Edições Texto e Grafia.
- Bíblia – Antigo Testamento. 2017, vol. 3, trad. Frederico Lourenço. Lisboa: Quetzal Editores.
- Kandinsky, W. 2006. *Ponto, Linha, Plano*. Lisboa: Edições 70.
- Kapuscinski, R. 2009. *O Outro*. Porto: Campo das Letras.
- Letta, E. 2021. “Cerimónia de homenagem ao presidente David Sassoli: A tua luta pela democracia continuará.” *Parlamento Europeu*. <https://www.europarl.europa.eu/news/pt/press-room/20220114IPR21010/cerimonia-de-homenagem-a-david-sassoli-a-tua-luta-pela-democracia-continuara> (08/22).
- Newall, D. 2008. *Compreender a arte*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Ponce de Leão, I. 2019. *Pro Litteris*. Porto: Fundação Eng. António Almeida.
- Sassoli, D. 2021. “A Europa precisa de um novo projeto de esperança.” *Parlamento Europeu*. <https://www.europarl.europa.eu/news/pt/headlines/eu-affairs/20211209STO19128/sassoli-a-europa-precisa-de-um-novo-projeto-de-esperanca> (08/22).